

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS
Curso de Formação em Psicanálise
Trabalho do ciclo IV

O tempo mítico e o tempo da psicanálise
(regressão a um tempo que permite recuperar a origem do que somos hoje)

Eduardo Benzatti do Carmo

A recuperação do tempo mítico – também chamado de *Grande Tempo* – é uma das funções do **mito** nas sociedades conhecidas como “primitivas”, “simples” ou “arcaicas” – denominações carregadas de um etnocentrismo, que embora já presente desde os gregos se prolonga pela história até a segunda metade do século XIX, quando as Ciências Sociais começam a tomar forma e, dentre elas, a antropologia. Os mitos para essas sociedades, ao contrário de como nós (pertencentes às sociedades “civilizadas”, “complexas” e “modernas”) os entendemos, expressam a *verdade absoluta* que serve de exemplo e modelo para o grupo que o criou e o transmite através da oralidade.

Os mitos – sejam de quaisquer tipos: de criação ou fundantes (que explicam o início do Cosmo, do mundo, de uma tribo, de todos os elementos da natureza, do homem e da mulher, enfim de tudo que surgiu num passado imemorial, aquele para além do que pode alcançar a memória humana); de passagem (que versam sobre os motivos das transições dos tempos de uma vida: nascimento/infância/puberdade/juventude/vida adulta/velhice/morte, das estações do ano e dos percalços de uma jornada); ou que venham a cumprir outra função no coletivo – são acessados através do **rito**, momento mágico ou sagrado em que procedimentos conhecidos são executados metodicamente por meio de processos que podem envolver o todo ou parte do grupo. Os ritos são “portais”, buracos no agora que permitem a recuperação daquele “Grande Tempo”, que permanece acessível porque toda a passagem do tempo é entendida, por essas sociedades, de forma circular. Para elas não há passado, presente e futuro da forma como entendemos o passar do tempo (forma linear e evolutiva): para essas sociedades o hoje é o ontem que voltou e voltará amanhã, assim como voltam as estações, regressa a noite depois do dia e o dia depois da noite, assim como também renasce a vida no nascimento, morre-se num ciclo para viver em outro,

enfim, nada desaparece para sempre, tudo retorna, pois tudo está contido em um fluxo circular – representado em várias culturas pelo símbolo de uma cobra que morde o seu próprio rabo.

Os ritos podem envolver uma preparação complexa que necessite de cheiros, alimentos, cenários, sons ou cânticos especiais, mas principalmente de **palavras mágicas** – conhecidas somente por aqueles iniciados nos segredos e mistérios que envolvem os rituais; por aqueles portadores e guardadores dos conhecimentos de outros mundos e de outros tempos, não disponíveis a maior parte do grupo – me refiro aos feiticeiros, xamãs ou chefes religiosos. No momento dos rituais, o *tempo profano*, o tempo do trabalho, da dureza do dia-a-dia que embota nossos sentidos e nossa percepção das maravilhas do universo é suspenso, abre-se então aquela fenda no presente e somos transportados para o tempo mítico ou *sagrado*, onde se encontram todas as verdades transcendentais e permanentes, que possuem o poder de explicar a origem do todo e de tudo. Retorna-se para um tempo – ou melhor: o tempo se move de algum ponto do círculo para encontrar o agora – que permite desvelar porque somos do jeito que somos e não diferentes. Eis a grande função do *tempo mítico*. Dessa maneira, podemos entender – e até nos conformar com – a nossa condição no que denominamos presente. Desse *eterno retorno*, sempre atualizado, podemos retirar as energias necessárias para a continuação de nossa jornada nessa vida – daí dizemos que os mitos servem de – além da função explicativa sobre nossa existência – exemplos para as gerações que continuam cultivando as tradições e os modos de vida de uma cultura.

No início desse artigo, me referi ao fato de nossa sociedade entender o mito de outra forma daquela como são entendidos pelos povos primitivos, a saber, não como *verdade absoluta*, que não pode ser questionada, mas sim como histórias irreais, lendas ou inverdades que se opõem à realidade. O antropólogo Mircea Eliade, em seu livro *Mitos, sonhos e mistérios*¹, nos coloca uma reflexão provocativa: considerando que os mitos não morrem – apesar de todo o esforço da ciência, nas sociedades modernas, em sufocá-los – quais seriam os grandes mitos contemporâneos do mundo ocidental? Dos mitos políticos até o mito da instrução (no sentido da educação como dinamizadora de modelos considerados corretos pelas nossas sociedades), talvez aquele que permaneceu mais catalisador dessa necessidade irremediável do ser humano de crer em mitos, seja o Cristianismo, em especial, o mito da figura de Cristo – desconsiderando aqui, por não se tratar do foco desse trabalho, todas as discussões antropológicas, sociológicas e filosóficas

¹ Edições 70, Lisboa/Portugal, 2000. Verificar o capítulo 1, “Os mitos do mundo moderno”. Pp. 15-30.

possíveis a respeito das diferenças entre sistemas religiosos e mitos, ou mesmo, do fato do Cristianismo ainda ser a religião dominante no ocidente, assim como da posição de Jung sobre os símbolos e mitos cristão serem, no mundo moderno, já desprovidos de sentidos em suas palavras e gestos – sem qualquer utilidade para a vida psíquica (o que em parte explicaria a crise desse mesmo mundo).

Sabemos que para os cristãos a personagem de Jesus Cristo não é mítica. Acredita-se piamente na sua existência histórica – novamente, apesar de várias pesquisas historiográficas negarem essa existência real – e, principalmente, na sua condição de filho de Deus com uma missão especial: redimir a humanidade de seus pecados através de sua vida de provações e sofrimentos. É interessante pensarmos que embora consideremos as sociedades tribais (de qualquer continente) primitivas não apenas pelo seu grau de desenvolvimento técnico atrasado em relação ao nosso (comparação alíás que é contestada pelos antropólogos pela chamada teoria do Relativismo Cultural), mas também pelo fato de acreditarem nos mitos como verdade absoluta, milhões de pessoas em nossas sociedades acreditam (questão de fé) em um homem que foi gerado fora de uma relação sexual, fez os cegos enxergarem, andou sobre as águas, multiplicou os pães, ressuscitou os mortos e ascendeu aos céus de corpo e espírito, após morrer crucificado. Notemos que nessas culturas onde os mitos prevalecem como explicadores das coisas, os chamados *heróis míticos* recebem um lugar também especial. Penso que ficariam maravilhados com a história de cristo, enquanto a odisséia de um herói que se sacrificou por todos os outros homens do mundo.

Como dizíamos, os mitos são atualizados através dois ritos. Com o Cristianismo não é diferente; os rituais cristãos têm a mesma função. Quando comemoramos datas importantes relacionadas à vida de Cristo estamos novamente relembando suas passagens significativas para a constituição de sua figura como modelo que deve prolongar-se pelos séculos: Natal, Quaresma (período de 40 dias, que vai da quarta-feira de cinzas até o domingo de páscoa, no qual os católicos devem cumprir certos preceitos, como, abster-se de comer carne às sextas-feiras), Paixão de Cristo (referente ao seu sofrimento e morte), *Corpus Christi* (a celebração mística do corpo de Cristo realizada na quinta-feira posterior ao domingo da Santíssima Trindade). Mesmo quando frequentamos uma missa participamos da experiência mítica de suspensão do tempo profano e ingresso no tempo mítico ou religioso. Toda a ambientação: cenário (arquitetura interna das igrejas), iluminação (penumbra; luz difusa), objetos religiosos (santos, crucifixos, todo tipo

de imagem e símbolos), os cheiros (incenso), sons (as “palavras mágicas” que o sacerdote pronuncia e os cânticos religiosos) e gostos (hóstia) permite que voltemos ao tempo de Cristo e possamos com ele compartilhar alguns momentos e ensinamentos. Ao final, tomamos e comemos seu corpo simbolizado pela hóstia sagrada. Isso demonstra como em nossa civilização prolonga-se um “comportamento mítico”, estruturado por um processo de volta ao passado e, simultaneamente, de atualização do passado no presente. Eis, como funciona, o tempo do (e no) Mito.

Ramos da Física (em especial, a Quântica) têm estudado a questão do tempo e do seu prolongamento pelo Universo. A idéia de um tempo circular não é descartada pela ciência. Alan Lightman, professor de Física no Massachusetts Institute of Technology, escreveu, dentre outros livros sobre o tempo, *Sonhos de Einstein (ficção)*², onde imagina Albert Einstein no verão de 1905 em Berna (Suíça), então com 26 anos, tendo perturbadores sonhos sobre o tempo e espaço. Todos esses sonhos estariam sendo registrados em um diário, misto de prosa e poesia, onde a idéia do tempo circular encontra-se presente. No dia “14 de abril de 1905”, Einstein teria escrito:

“Suponhamos que o tempo seja um círculo sobre si mesmo. O mundo se repete, de forma precisa, infinitamente.

Na maior parte dos casos, as pessoas não sabem que voltarão a viver suas vidas. Comerciantes não sabem que farão o mesmo negócio várias vezes. Políticos não sabem que gritarão da mesma tribuna um número infinito de vezes nos ciclos do tempo. Pais e mães conservam na memória a primeira risada de seu filho como se nunca mais fossem ouvi-la. Amantes, ao fazer amor pela primeira vez, despem-se timidamente, mostram-se surpresos com a coxa acolhedora, o frágil bico dos seios. Como podem saber que cada olhar secreto, cada toque, serão repetidos e de novo repetidos, exatamente como antes?

O mesmo acontece na Marktgasse. Como os lojistas podem saber que cada suéter feito a mão, cada lenço bordado, cada doce de chocolate, cada bússola e cada relógio voltarão às suas prateleiras? Ao cair da tarde, os lojistas vão para casa encontrar suas famílias, ou beber cerveja nas tavernas, conversar alegremente com amigos nas galerias arqueadas, acariciando cada momento como um tesouro do qual tivessem posse apenas temporariamente. Como podem saber que nada é temporário, que tudo vai acontecer de novo? Tanto quanto uma formiga caminhando pela borda de um candelabro de cristal sabe que voltará ao ponto de partida.

Em hospital em Gerberngasse, uma mulher se despede do marido. Ele está deitado na cama e olha-a com olhos vazios. Nos dois últimos meses, seu câncer se alastrou da garganta para o fígado, para o pâncreas, o cérebro. Os dois filhos, ainda crianças, estão sentados em uma cadeira no canto do quarto, com medo de olhar para o pai, com bochechas fundas na cara, a pele fenecida de um velho. A esposa vem até a cama e beija suavemente o marido na

² Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2005. Pp. 9-13.

testa, sussurra-lhe um adeus e rapidamente parte com os filhos. Ela tem certeza de que este foi o último beijo. Como pode ela saber que o tempo começará de novo, que ela nascerá de novo, estudará no colégio de novo, exibirá seus quadros na galeria em Zurique, novamente conhecerá seu marido em uma pequena biblioteca em Friburgo, novamente sairá para velejar com ele no lago Thun em um dia quente de julho, terá filhos novamente, que seu marido novamente trabalhará por oito anos no laboratório farmacêutico e chegará em casa uma noite com um carço na garganta, novamente vomitará e acabará neste hospital, neste quarto, nesta cama, neste momento. Como pode ela saber?

No mundo em que o tempo é um círculo, cada aperto de mão, cada beijo, cada nascimento, cada palavra serão precisamente repetidos. Também o serão todos os momentos em que dois amigos deixarem de ser amigos, toda vez que uma família se dividir por causa de dinheiro, toda frase maldosa em uma discussão entre cônjuges, toda oportunidade negada por causa da inveja, toda promessa não cumprida.

E, assim como todas as coisas serão repetidas no futuro, todas as coisas que estão acontecendo agora aconteceram um milhão de vezes antes. Em todas as cidades, algumas poucas pessoas, em seus sonhos, estão vagamente cientes de que tudo ocorreu no passado. Estas são as pessoas com vidas infelizes e elas sentem que todos os seus julgamentos injustos e ações incorretas e má sorte aconteceram no giro anterior do tempo. Nas profundezas da noite, esses desgraçados indivíduos lutam com os lençóis, sem conseguir descansar, atordoados por saber que não podem mudar uma única ação, um único gesto. Seus erros serão rigorosamente repetidos nesta vida como o foram na anterior. E são essas pessoas duplamente infelizes que dão o único sinal de que o tempo é um círculo. Pois em cada cidade, tarde da noite, seus lamentos ecoam nas ruas e nas sacadas vazias.”³

Voltemos a Mircea Eliade e seu livro *Mitos, sonhos e mistérios*. A mesma importância atribuída aos mitos – e ainda a algumas religiões orientais (do budismo ao indianismo) – de retorno ao (ou atualização do) passado, encontra-se na origem da técnica psicanalítica. O rememorar dos acontecimentos primordiais da primeira infância torna-se, particularmente quando do surgimento da clínica psicanalítica, fundamental (embora haja hoje autores, correntes ou escolas psicanalíticas que amenizam a importância desse rememorar o passado). Aquele que sofre não sofre somente por acontecimentos do agora, sofre ainda em consequência de traumas localizáveis no seu passado histórico. Acontecimentos “esquecidos” no limbo do inconsciente que devem ser resgatados na relação paciente-analista, como parte do processo terapêutico de cura – reviver o trauma para integrá-lo na consciência. Diz Mircea Eliade:

“Poderia traduzir-se esta prática operacional em termos de pensamento arcaico, dizendo que a cura consiste em recomeçar a existência, repetir, por conseguinte, o nascimento, tornar-se contemporâneo do ‘começo’: e este não é mais do que a imitação do princípio por excelência, a cosmogonia. Graças à concepção do Tempo cíclico, a

³ Lightman, Alan. *Sonhos de Einstein (ficção)*, p. 27.

repetição da cosmogonia não criava qualquer dificuldade ao nível do pensamento arcaico. Mas, para o homem moderno, qualquer experiência pessoal ‘primordial’ só pode ser a da infância. Logo que a psique está em crise, é à infância que se torna necessário recuar para reviver e enfrentar de novo o evento que provocou a crise.”⁴

Freud teria descoberto algo de consequências admiráveis: a existência de um tempo primordial de cada pessoa, onde tudo se decide para o resto da sua vida, ou seja, a infância. Teríamos, para o autor, algo que se aproxima da estrutura do pensamento arcaico: um “paraíso” (o estágio pré-natal que se estende até o desmamar) e uma “ruptura” (traumatismo infantil), acontecimentos fundantes e constituinte do interior do ser.

Para nos certificarmos dessa estratégia de retorno ao passado pela técnica psicanalítica, tomemos um texto de Freud em estudo neste momento de nossa formação: “A divisão do ego no processo de defesa”⁵. Publicado postumamente, é datado do início de 1938, mas segundo Ernest Jones, foi escrito no final de 1937. O artigo analisa o comportamento do ego perante determinadas situações de pressão. Freud utiliza-se do exemplo do ego de uma criança que “sob a influência de uma poderosa exigência instintual que está acostumado a satisfazer”⁶, depara-se com outra situação que lhe exige um rompimento com a experiência satisfatória em curso, indicando que sua continuidade resultará em perigo real. O ego deve decidir entre renunciar a satisfação, reconhecendo o perigo real ou conservar a satisfação, convencendo-se que não há motivo para o medo. Instinto e realidade colocam o ego em conflito. A criança se decide pelas duas opções simultaneamente: rejeita a realidade que lhe impõe a proibição e, ao mesmo tempo, reconhece o perigo e o assume como sintoma patológico, tentando, a seguir, se desfazer do medo. Tal operação – que se realiza em algum momento da infância, logo do tempo passado de todo indivíduo –, resulta numa fenda no ego, incurável, e que se amplia com o passar do tempo (o antes determinando o presente e futuro).

Freud relata o caso de um menino reprimido quando flagrado pela sua babá num momento em que masturbava. Ameaçado de castração, e já conhecendo a anatomia dos genitais femininos (o menino havia sido seduzido por uma menina mais velha quando entre os três e quatro anos), considera real o perigo de castração e cede a ameaça, não mais tocando com as

⁴ Verificar o capítulo 2, “O mito do bom selvagem ou prestígios da origem”. Pp. 31-48.

⁵ In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII (1937-1939), pp. 305-312.

⁶ *Ibidem*, p. 309.

mãos seus genitais. Porém, criou uma outra (imaginosa e engenhosa) solução que dava conta de conciliar à proibição e sua transgressão. Nos diz Freud:

Criou um substituto para o pênis de que sentia falta nos indivíduos do sexo feminino – o que equivale a dizer, um fetiche. Procedendo assim, é verdade que rejeitou a realidade, mas poupou o seu próprio pênis. Enquanto não foi obrigado a reconhecer que as mulheres tinham perdido o pênis delas, não houve necessidade, para ele, de acreditar na ameaça que lhe fora feita: não precisava temer por seu próprio pênis, de modo que prosseguiu imperturbado com sua masturbação. Esse comportamento por parte de nosso paciente forçosamente nos impressiona como sendo um afastamento da realidade – procedimento que preferiríamos reservar para as psicoses. E ele, de fato, não é muito diferente. Contudo, (...). O menino não contradisse simplesmente suas percepções e alucinou um pênis onde nada havia a ser visto: ela não fez mais do que um deslocamento de valor – transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo, procedimento em que foi auxiliado pelo mecanismo de regressão (...). Esse deslocamento, é verdade, relacionou-se apenas ao corpo feminino; com referência a seu próprio pênis, nada se modificou.⁷

O menino, então, continua com sua masturbação, mas não nega o perigo de castração por parte de seu pai. Criou um fetiche após a ameaça e desenvolveu um terrível medo de punição por parte do pai, medo que precisou ser superado “com toda a força de sua masculinidade” (Freud). E através da regressão à fase oral (novamente retoma-se o tema do retorno a um passado pessoal dividido em fases que se sucedem: oral, anal e genital), o medo de ser castrado transforma-se no medo de ser pelo pai devorado. Ao final do artigo, como que para ilustrar o medo inconsciente da criança de ser devorada pelo pai, Freud nos brinda, com a lembrança do mito grego (novamente os mitos) sobre Cronos devorando seus filhos:

Nesse ponto, é impossível esquecer um primitivo fragmento da mitologia grega, que nos conta como Cronos, o velho Deus Pai, engoliu os filhos e procurou engolir seu filho mais novo, Zeus, tal como os restantes, e como Zeus foi salvo pela habilidade de sua mãe, (sic) posteriormente, castrou o pai. Contudo, temos de retornar a nossa história clínica e acrescentar que o menino produziu ainda outro sintoma, leve embora, o qual ele reteve até o dia de hoje. Tratava-se de uma suscetibilidade ansiosa contra o fato de qualquer de seus dedinhos do pé ser tocado, como se, em todo o vaivém entre rejeição e reconhecimento, fosse todavia a castração que encontrasse a expressão mais clara...⁸

⁷ Ibidem, p. 311.

⁸ Ibidem, p. 312.

Em resumo: tanto para o tempo mítico ou religioso, como para o tempo na psicanálise, temos o mesmo significado: “(...) *o essencial precede a actual condição humana.*”⁹ Seja no plano da cultura, da religião ou da vida individual, o homem é obrigado a retornar à origem e rememora os acontecimentos – seja para repetir os atos do seus antepassados (no caso dos mitos e das religiões) ou para **não** repetir seus próprios atos (no caso do sugerido pela psicanálise) – como forma de atualizá-los como modelos ou como aquilo que deve ser enfrentado. Torná-los presentes, revivê-los, ressignificá-los, daí nossa necessidade (ou desejo) de *regressus ad originem*.

Referências bibliográficas:

ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 2000. Título original: *Mythes, rêves e mystères*.

LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein: ficção*. Tradução de Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Título original: *Einstein's dreams*.

SIGMUND, Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Vol. XXIII (1937-1939). Imago Editora, Rio de Janeiro: 1975.

⁹ Eliade, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Verificar o capítulo 2, “O mito do bom selvagem ou prestígios da origem”. P. 47.

O tempo mítico e o tempo da psicanálise by Eduardo Benzatti do Carmo is licensed under a Creative Commons Atribuição-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License.